

aquarismos parece convocar, desde seu título, um pretense rigor científico como exercício próprio à constituição dos dois trabalhos que integram a mostra de Flora Leite no Centro Cultural São Paulo, como a sugerir que a investigação minuciosa e a posterior reconstrução de alguns aparatos comuns à essa prática de fins ornamentais configurassem, de fato, a operação mais resoluta de *buffet colonial* e de *tempo livre*.

Cuidadosamente arranjados, cenários de aquário costumam mimetizar trechos das inalcançáveis paisagens submarinas, tão alheias e arredias que parecem interdidas ao contato epidérmico, ao passo que adequadas à experiência do olhar. Uma experiência, no entanto, necessariamente mediada pelas conhecidas imagens de expedição: ou recortes analíticos que dissecam seções daquela natureza esquiva ou ângulos que acentuam o seu caráter extraordinário, o espetáculo das formas peculiares e das cores estridentes, uma apreensão cujo viés ora é ameaçador, ora edulcorado, mas inevitavelmente incompleto, fragmentário. Trata-se de uma paisagem que, por suas próprias características, insta representações que oscilam entre a busca pela precisão e o apelo fantasioso.

buffet colonial passa tanto por um móvel doméstico quanto por um expositor de loja de peixes, uma peça revestida de fórmica que imita madeira maciça sustentada por robustos pés de ferro escovado que contém três aquários embutidos idênticos e equidistantes entre si. Fundo azul-celeste e chão verde-turquesa somados à iluminação fria destacam interiores que, apesar dos tons chamativos, parecem sóbrios demais para os *kinguios* que abrigam, cada um dos recipientes expondo um tipo diferente desses peixes alaranjados, ornamentais por excelência, criados e mantidos por seleção artificial. É como se faltassem a eles os painéis decorativos de fundo de mar nos quais se acomodam tão bem.

Já *tempo livre* traz exatamente um característico papel de parede de aquário, em tamanho padrão (35 x 50 cm), embutido, à altura dos olhos, num painel do próprio espaço

expositivo. Em meio àquela cena que mais parece forjada em plástico, jorram discretamente filetes d'água através de furinhos simetricamente feitos no papel. Escorrendo água pela superfície, o trabalho encena, num registro rebaixado, um transbordamento que nunca ocorrerá. O mecanismo cíclico, todavia, revela suas imperfeições deixando indícios materiais da ação desgastante da água, como a trair a própria ideia de suspensão que pretendiam causar por meio daquele movimento aparentemente inesgotável.

Ao lançar luz sobre os sistemas pouco complexos que lhes dão funcionamento, os trabalhos terminam por enfatizar uma outra característica desses dispositivos próprios para atrair e reter a atenção – destinação essencial dos aquários e fontes: as superfícies ali comparecem antes como dados estruturais e não como meros revestimentos aplicados para disfarçar aquilo que encobrem. Não por outro motivo, aliás, dos peixes é solicitado um típico colorido de aquário, como se até do elemento reconhecidamente verdadeiro fosse exigido um valor autoexpositivo, sendo ali material de mostruário tanto quanto a fórmica que simula os veios da madeira ou o papel que traz uma contrafação de paisagem.

Juntas, essas obras tendem a despertar um jogo de rebatimentos e confirmações recíprocas de operações que tematizam o fato de que se sabem feitas unicamente para serem vistas, para capturar o olhar desatento. Manifestamente uma reiteração de artificios, os acontecimentos mais incisivos de *aquarismos* se desenrolam em superfície mais do que no espaço que constroem para ocupar. Aliás, dispostos como estão junto às paredes e tendo um banco estrategicamente à frente, os trabalhos comportam-se como “esculturas de superfície”, caso ainda seja justo usar o termo escultura nesses casos. E, ao fim, exibindo seus artificios à extravagância, *buffet colonial* e *tempo livre* persuadem-nos a ponto de realmente se fazerem contemplar.

Liliane Benetti
Julho de 2011